

Lição 1: Opiniões dos antigos sobre a origem do mar e de sua salinidade

139. Após determinar sobre as coisas geradas no alto, a partir de uma evaporação seca ou de um vapor úmido, e após acrescentar uma discussão sobre a geração dos rios devido à sua semelhança com a geração das chuvas, o Filósofo agora começa a determinar sobre as coisas que vêm a ser na região inferior a partir de uma exalação seca. E divide-se em duas partes: Na primeira, ele determina sobre certas paixões principais, em 140; Na segunda, sobre certas coisas que as acompanham (Livro III).

A primeira divide-se em duas partes:

Primeiro, ele discute sobre o mar, cuja salinidade é causada pela secura, por volta de 140; Em segundo lugar, sobre os ventos e as coisas causadas por eles (L. 7).

140. A ordem que o Filósofo observa parece bastante adequada. Pois, depois de determinar sobre as coisas geradas na região superior do ar a partir da exalação seca, a saber, estrelas cadentes, cometas, o círculo leitoso e coisas semelhantes, ele, em segundo lugar, determinou sobre as coisas geradas na região inferior a partir da exalação úmida, a saber, as chuvas e assim por diante: e porque os rios têm uma causa de sua geração na terra da mesma forma que a chuva no ar, depois das chuvas ele determinou sobre os rios. Depois disso, ele discute sobre o mar, no qual todos os rios deságuam.

Portanto, sobre isso, ele primeiro declara sua intenção [138] e diz que devemos falar agora do mar: a saber, qual é a sua natureza, se ele é o lugar natural da água ou se é por acidente que a água se acumula ali; qual é a causa de tal abundância de água ser salgada; e da geração primordial do mar, ou seja, ele tem uma fonte de sua geração e como?

143. Em segundo lugar [139], ele prossegue com sua proposição, sobre a qual faz duas coisas: Primeiro, ele apresenta as opiniões de outros sobre o mar, em 141; Em segundo lugar, ele investiga a verdade, em 143.

Sobre o primeiro, ele faz duas coisas: Primeiro, ele dá as opiniões dos antigos teólogos, em 141; Em segundo lugar, dos filósofos da natureza, em 142.

Quanto ao primeiro [139], deve-se saber que antes dos tempos dos filósofos existiam homens chamados poetas teólogos (como Orfeu, Hesíodo e Homero), porque, sob o disfarce de fábulas,

declaravam coisas divinas aos homens. Sobre eles, portanto, ele diz que postularam que o mar tem fontes próprias a partir das quais é causado. Eles postularam isso para evitar atribuir à terra e ao mar princípios extrínsecos que não lhes pertencessem: pois acreditavam que a terra e o mar eram os mais dignos de reverência, como se fossem uma grande parte do universo inteiro; e diziam que todo o céu existe por causa da terra e da água e que é por isso que a terra e a água são circundadas por outros corpos e pelo próprio céu, como se essa parte fosse a mais digna de honra e o primeiro princípio entre todos os corpos do universo.

142. Então [140], ele apresenta as opiniões dos filósofos naturais sobre o mar e dá três opiniões. A primeira diz respeito à geração do mar e ele diz que aqueles mais sábios na "sabedoria humana" do que os poetas mencionados (ele diz isso porque os naturalistas não lidavam com coisas divinas, como eles faziam, mas com coisas naturais, que é próprio da sabedoria humana, ou seja, conforme ao intelecto humano) disseram que o mar tem geração. Isso porque, desde o início, toda a região ao redor da terra estava úmida e cheia de água, mas tornou-se seca pela evaporação da umidade pelo sol: o que evaporava, segundo eles, causava o ar e os ventos (e disso, dizem, são causados o movimento do sol, da lua e das estrelas); o que restou ainda não seco é o mar. Portanto, eles acreditam que, por uma secagem contínua, ele está sempre diminuindo, de modo que finalmente tudo será seco e o mar não existirá mais. Diz-se que esta era a opinião de Anaxágoras e Diógenes.

A segunda opinião é sobre o sal do mar. Pois Empédocles disse que a terra, aquecida pelo sol, exsuda um certo suor que, ele acreditava, é a água do mar. Por essa razão, diz ele, o mar é salgado, pois o suor dos animais também é encontrado salgado.

A terceira opinião, a de Anaxágoras, também diz respeito ao sal do mar. Ele disse que a terra através da qual a água passa, ou que se mistura com a água, causa o sal do mar: pois assim como algo filtrado através de cinzas se torna salgado, a água do mar se torna salgada por uma mistura de terra.

143. Então [141], ele busca a verdade a respeito dessas opiniões. Primeiro, sobre a opinião dos poetas teólogos em 143; Em segundo lugar, sobre as opiniões dos filósofos da natureza (L. 2).

Sobre o primeiro, ele faz duas coisas: Primeiro, ele mostra que o mar não tem fontes, como eles disseram, em 143; Em segundo lugar, ele dá uma resposta a algo aparentemente contrário ao seu próprio argumento, em 145.

Quanto ao primeiro [141], apresenta dois argumentos. O primeiro é que, entre as águas que circundam a terra, algumas podem fluir e outras são estacionárias. Das que fluem, é evidente que todas derivam de fontes. Mas isso não significa que as fontes tenham como origem, por assim dizer, um reservatório que contém uma vasta quantidade de água, do qual os rios derivam: significa, como já foi dito, que, a partir de muitos lugares onde é formada gota a gota, a água se reúne, e é por tal confluência que, pela primeira vez, ela passa a existir em tão grande quantidade. Mas, quanto às águas estacionárias, algumas são coletadas e retidas em um só lugar por algo artificial ou natural que obstrui o fluxo, e são chamadas de pântanos ou lagoas. Estas diferem por causa do tamanho ou da pequenez: pois, se uma grande quantidade de água foi assim coletada, chama-se lagoa; se pouca, pântano. Ora, algumas águas estacionárias são "fontanais", isto é, subsistem em sua própria fonte; todas essas são feitas pelo homem, por exemplo, poços. Pois

todas essas águas assim estacionárias pela arte devem ter uma fonte, que as faria fluir se não fossem artificialmente impedidas. Portanto, é evidente que toda água de fontes e rios flui por si mesma segundo a inclinação da natureza, ou, se deve ser estacionária, precisa ser assim feita artificialmente.

À luz do que foi dito, é evidente que a água do mar não provém de fontes, porque não se enquadra em nenhum dos grupos mencionados: não flui, como a água do rio, e não podemos dizer que seja feita pelo homem, como um poço. Mas todas as águas que provém de fontes ou fluem ou são estacionárias pela arte — a menos que se incluam pequenos corpos d'água que permanecem por si mesmos e não artificialmente, como quando a água corrente encontra um buraco ou encontra um obstáculo. Mas tal água não pode existir em grandes quantidades: porque, quando o fluxo de água aumenta, ela deve ou transpor o obstáculo e começar a fluir novamente, ou ser submersa na terra, como, dissemos, acontece em muitos lugares. Portanto, não se pode dizer que uma quantidade de água tão grande quanto a água do mar poderia estar estacionária por si mesma, se surgisse de fontes. A conclusão, portanto, é que o mar não tem fontes.

144. Ele apresenta o segundo argumento [142] e diz que existem muitos mares que não têm comunicação com nenhum outro. Pois o Mar Vermelho se junta apenas ligeiramente com o Mar Oceano além das colunas de Hércules: do qual mar os mares Hircano e Cáspio (que é o mar do Ponto) estão distantes. Se tivessem fontes, as pessoas que vivem ao longo de todos os lados do mar não teriam deixado de descobri-las. Não é, portanto, verdade que existam fontes do mar.

145. Então [143], porque um fluxo comum é aparente em alguns mares, para que não se suponha que o mar pode fluir, como se procedesse de fontes, o contrário do que ele supôs no primeiro argumento, ele atribui a causa do fluxo visto no mar. Sobre isso, ele faz três coisas: Primeiro, mostra por que algum mar flui, em 145; Em segundo lugar, manifesta o que supôs com um sinal, em 146; Em terceiro lugar, resume ao final de 146.

Agora ele atribui três causas para o fluxo do mar [143]. A primeira é que o mar flui por causa de sua estreiteza, onde, de uma vasta inundação, é confinado a um lugar pequeno por ser estreitado pela terra adjacente. Ora, a água do mar é frequentemente movida para frente e para trás, especialmente como consequência do movimento da lua, cuja natureza própria é agitar o úmido: mas essa comoção da água em um grande mar aberto passa despercebida, mas onde ocorre em uma área tornada pequena pela estreiteza da terra, torna-se mais perceptível.

A segunda causa é que o mar que está contido dentro das colunas de Hércules e não se comunica com nenhum outro mar (como já foi dito do Mar do Ponto), esse mar, digo, flui por causa do grande número de rios. E, pela mesma razão, um mar flui para outro: pois o Meótis flui para o Mar do Ponto e o Ponto para o Egeu. Em outros mares, isso não é tão evidente; mas nos mencionados isso acontece por causa do número de rios, pois muitos rios fluem para eles.

A terceira razão para o fluxo é que um mar cobre uma grande extensão de terra, de acordo com a quantidade de água, e um mar não é tão profundo quanto outro; mas o que não é tão profundo sempre flui para o mais profundo. Portanto, aquele mar para o qual outro flui é sempre visto como mais profundo: como, por exemplo, o Ponto é mais profundo que o Meótis, o Egeu mais que o Ponto, e o mar da Sicília mais profundo que o Egeu; mas o... Sofiano e o Etrusco são os mais

profundos de todos. O mar além das Colunas, no entanto, não é profundo, como é evidente pela lama na água que flui dele. Uma indicação disso é que é calmo, como se estivesse em uma cavidade. Portanto, assim como os rios individuais são vistos fluindo de lugares mais altos para os mais baixos, assim no mar, o fluxo é dos lugares mais elevados da terra, que estão no norte: consequentemente, os mares do norte, dos quais a água flui, não são tão profundos quanto os do sul que a recebem.

146. Então [144], através de um certo sinal, ele manifesta o que havia dito, ou seja, que a terra é mais alta em direção ao norte. Ele toma como indicação disto o fato de que alguns dos antigos acreditavam que o sol não passava por baixo da terra, mas apenas ao redor dela, e que se tornava invisível à noite porque as alturas do norte o obscureciam. — Então [145] ele resume o que havia dito — e é evidente no texto.

Revision #3

Created 3 October 2026 23:22:32 by Admin

Updated 4 October 2026 19:02:21 by Admin